no meio da tarde

(Ao meu jovem amigo Manuel Barrós Alcántara)

Paulo Nunes*

* Paulo Nunes nasceu em Patos de Minas, Minas Gerais, em 1965. Formado em filosofia, é livreiro na Universidade de São Paulo. Poeta e letrista musical, tem textos publicados em diversas revistas e jornais literários. Editou, em 2001, a obra *Meu canto é saudade*, que reúne a produção de Juca da Angélica, expoente da poesia oral do interior de Minas Gerais. Em 2014, lançou o livro de poesia *O corpo no escuro* pela Cia Das Letras. E-mail para contato: pacenunes@yahoo.com.br

I/ Rembrandt faz 50 anos (auto-retrato 1656)

No meio da tarde, neste país frio,
a luz, mais funda, acaricia a pele,
acrescendo-lhe rugas e segredos
onde antes a dúvida não roía.

O rosto há muito visto ainda encara-se
de frente e sem susto, a se perguntar
se é esta a mesma face, amiga e alheia,
que sempre lhe acena, algo diz, e some.

E a mão, ao pintar o tempo que a pinta,
de repente para e suspensão sabe
que um sopro, não ela, organiza o caos,
e é sonho o que se diz vida ou pintura.

Há calma, resta calor na luz baixa,
e a altivez teima no rosto cansado -

mas não se aproximem tanto: há feridas
na perfeição, gritos sob o sussurro.

II/ Não o fruto

Não o fruto: amadureceu o desejo
enquanto a mão ensaiava alcançá-lo
(e os dentes se perdiam nessa demora)
duvidando de si, não da colheita.

Amadureceram o chão e as nuvens.
Neles impressas fizeram história
palavras nunca ditas, e um só grito
deu-se em vinho que se tomou calado.

Quase certa de ser mais que um sonho,
a sombra, um pouco esmaecida e curva,
entre portas que gemem e se lembram,
confessa que também envelheceu.

E envelheceram o rosto e a espera
junto ao poço que devolia o olhar;
envelheceu o vulto que não chegava:
a ausência hoje é uma senhora.

III/ À memória do ator Walmor Chagas

E nos tornamos aqueles senhores
vindos de longe sem saber porque,
barbas brancas de estrangeiro postiço,
olhos mudos do que (não) vai lá dentro;

e nos tornamos aos poucos avós
da velha criança que assassinamos,
brincando o medo e esta culpa na areia,
soltando balões já na falta de ar;

e a correr nos dias, mais lentamente,
pesam em nossas mãos as mãos de muitos,

todos os que fomos e os que não somos,
todos os momentos num só naufrágio;
e o mundo, em fuga, só agora é nosso,
e a dança em volta, e o único caminho,
inútil, sem fé ou esperança, mas
foda-se, viver é ir até o fim.

(Paulo Nunes, maio/2015)